

Editorial

Dossiê Imaginação, Corporalidades e Trajetórias Geográficas

A imaginação emergiu como problema e como categoria em muitos momentos e lugares na produção do conhecimento geográfico. Desde a reflexão sobre as terras incógnitas nas explorações geográficas, passando pelas críticas ao ideário da modernidade, até as geografias imaginativas que atuam na geopolítica contemporânea, a imaginação ganhou centralidade e aparece como uma palavra-chave no trabalho de muitos geógrafos e geografas.

Como um periódico especializado nas abordagens culturais na geografia, a E&C foi também um palco privilegiado para o debate sobre categorias como imaginário e imaginação. Uma breve busca na revista possibilita ver como essas palavras aparecem em artigos sobre a representação de lugares sagrados (Costa 2013), espaços periféricos (Rodrigues, 2016), práticas artísticas (Almeida, 2021) ou mesmo terras ficcionais (Nunes, 2017). Nessa edição, reunimos alguns textos que podem contribuir com o debate que já vem sendo realizado há bastante tempo sobre as relações entre espaço, imaginação e corporalidades.

A capa dessa edição de no. 51 explicita muitos caminhos de estudos e reflexão sobre o papel da imaginação na produção e percepção do espaço. Como aponta Maite Conde no artigo que abre essa revista, imagens como a que selecionamos para a capa, produzidas durante a Comissão Rondon, ajudavam a tornar “pública a conquista da natureza pela tecnologia”. As árvores derrubadas que atravessam os quatro planos da fotografia e a postura do militar frente ao instrumento científico constituem um imaginário que associa as expedições ao heroísmo e à narrativa civilizacional. A imaginação sobre o interior do Brasil, como uma *terra incógnita* despovoada e bárbara, colocava esses espaços imediatamente na posição de terras a serem conquistadas, “condenadas a serem apagadas e substituídas por informação geográfica” (Lois 2018). A imaginação está, portanto, profundamente atrelada às práticas materiais associadas a conquista territorial e ao colonialismo interno (Casanova, 2006).

A relação entre geografias imaginativas e práticas materiais pode ser entendida como um dos motivos para justificar porque a geografia importa no mundo conturbado do século XXI (Driver 2005). Além disso, não são apenas os territórios que têm sua domesticação legitimada e justificada por formas específicas de imaginação geográfica, mas também os corpos, que foram frequentemente classificados e posicionados em pensamentos duais que opõem primitivo e moderno, bárbaro e civilizado, “Outro” e mesmo.

Na fotografia da comissão Rondon chama a atenção um jogo específico de olhares, pois o olhar do militar através de um teodolito que domestica o espaço é viabilizado e apoiado por um auxiliar, um corpo preto não identificado nos arquivos, que protege o equipamento do sol e olha com seriedade para a câmera. A justaposição entre esses personagens pode sugerir novas formas de se imaginar os trabalhos de exploração, não mais como aventuras heroicas individuais, mas como empreendimentos coletivos que envolvem relações de poder, opressões, trocas de conhecimento e uma série de “histórias escondidas” (Driver e Jones 2009). A mudança de enquadramento sugere outras agências fundamentais para a produção do

conhecimento nas expedições geográficas, desestabilizando narrativas civilizacionais sobre territórios e corpos.



Figura 1: Detalhe de fotografia. Retirado do artigo de Maite Conde (2022). Acervo do Museu do Índio. FUNAI-Brasil.

Os artigos reunidos nesse número lidam com a imaginação a partir de diferentes abordagens e temáticas de estudo. O artigo já comentado de Maite Conde, professora de estudos brasileiros e cultura visual na Universidade de Cambridge, abre o número explorando como fotografias e filmes das regiões afastadas e seus habitantes foram utilizados para consolidar e ampliar a ordem e o progresso no interior do país durante a Comissão Rondon. O artigo seguinte, de Luís Miguel Moreira, professor da Universidade do Minho, explora a relação entre cartografia e geopolítica, considerando como o jornal *O Comércio do Porto* circulava imagens e imaginários específicos sobre a 1ª Guerra Mundial para a população portuguesa. Já o artigo assinado por Mariane de Oliveira Biteti e Matheus da Silveira Grandi, ambos professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, busca explorar a temática do corpo na disciplina, discutindo como o debate sobre a dimensão escalar do espaço pode contribuir para perspectivas menos reificadas da corporalidade na geografia.

Após esta série inicial de artigos, a revista segue com uma seção especial dedicada a uma obra que recentemente destrinchou a trajetória e a contribuição de um importante geógrafo brasileiro: Josué de Castro. Em seu

livro *A World Without Hunger: Josué de Castro and the History of Geography*, o geógrafo Archie Davies, professor da Queens Mary University of London, apresenta a trajetória do geógrafo brasileiro considerando a sua capacidade de imaginar e lutar por um mundo sem fome. Os principais objetivos e capítulos do livro são explorados no artigo aqui publicado, que reflete ainda sobre os desafios e incompletudes encarados nas pesquisas de arquivos sobre Josué de Castro.

Esse texto é seguido por uma série de comentários sobre o livro de Archie Davies, apresentados originalmente em uma sessão de discussão organizada pelo *London Group of Historical Geography*. Em sua contribuição, Mariana Lamego, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, aponta a relevância do livro para a historiografia disciplinar e para a discussão do caráter urgente e contemporâneo da questão da fome. Luciana Martins, professora da Universidade de Birckbeck, busca situar a temática da fome em um amplo quadro do arquivo visual brasileiro, considerando como as expressões visuais da fome circulavam e alimentavam as preocupações de Josué. Por fim, a geógrafa Âmbar Murrey, professora da Universidade de Oxford, valoriza a forma como Davies aborda à prática intelectual mutável, multifacetada e “antidogmática” de Castro, destacando como a trajetória do autor estimula o estudo de inter-relações entre diferentes conhecimentos situados.

Após o debate aprofundado sobre esta recente obra e sua potencial contribuição para se imaginar novos mundos e histórias disciplinares, a edição 51 da E&C oferece duas traduções que podem contribuir significativamente para o debate e a prática pedagógica sobre imaginação e geografia no Brasil. O artigo da geógrafa Perla Zusman, da Universidade de Buenos Aires, publicado em 2013, na *Revista de Geografia Norte Grande*, é aqui traduzido por oferecer uma síntese muito consistente sobre os termos imaginação e imaginários na geografia histórica. Considerando tradições anglo-saxãs e latino-americanas, a autora explora como diferentes projetos disciplinares abordaram a imaginação geográfica. Já o texto do geógrafo

Felix Driver, professor da Royal Holloway University of London, publicado em 2005, no livro *Introducing Human Geography*, oferece definições importantes sobre os estudos das geografias imaginativas, explorando como as pessoas imaginam culturas e lugares distintos e porque essas práticas representacionais importam para a disciplina.

A revista fecha com a resenha sobre um livro que estimula a imaginação dos leitores e leitoras. A mestrande Aline dos Santos Franco de Camargo, estudante do programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista, oferece uma resenha interessante sobre o livro publicado pela historiadora da Universidade Federal de Curitiba, Andrea Doré intitulado *Cartografia da Promessa: Potosí e o Brasil em um continente chamado Peruana*. Considerando as operações cognitivas e as ações práticas por trás do ato de nomear os espaços, Doré nos oferece um livro que apresenta as propostas de nomeação do continente americano no século XVI como parte do processo europeu que buscava tornar inteligível as novas terras situadas a oeste do Atlântico. Novamente, imaginação e práticas de dominação caminham de mãos dadas, evidenciando a indissociabilidade entre materialidade e imaterialidade na produção dos espaços geográficos.

É um grande prazer finalizar o número 51 da E&C em um momento tão especial. O Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura se aproxima dos seus bem vividos 30 anos seguindo firme como importante espaço de produção e circulação das abordagens culturais na geografia brasileira. Uma renovação editorial acompanha esse momento de celebração. Três novos editores se somam ao corpo editorial da revista trazendo suas contribuições para a longevidade e vigor da E&C, garantindo que essas páginas permaneçam como referência nos debates realizados sobre tempo, espaço e cultura na geografia feita no Brasil e alhures. Desejamos uma boa leitura!

André Reyes Novaes
Mariana Lamego
Marianna Fernandes Moreira
Matheus de Oliveira Grandi
Rafael da Costa Gonçalves de Almeida

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMEIDA, M. G. (2021). Paisagens: uma contribuição da arte para a geografia sociocultural. *Espaço e Cultura*, (49), 125–142.

CASANOVA, Pablo González (2006), “El colonialismo interno: una redefinición”, em Atilio A. Boron, Javier Amadeo y Sabrina González (comps.), *La teoría marxista hoy: problemas y perspectivas*, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires.

DRIVER, Felix (2005): “Imaginative Geographies”. em Cloke, P. Crang, P. Goodwin, M. (orgs). *Introducing Human Geographies*. London. Arnold.

DRIVER, Felix; JONES, Lowri (2009). *Hidden Histories of Exploration: Researching Geographical Collections*, RGS-IBG/Royal Holloway.

LEMOS, O. J. C. (2013). A Imaginação Geográfica e as representações dos lugares sagrados. *Espaço E Cultura*, (32).

LOIS, Carla, (2018) *Terrae incognitae: modos de pensar y mapear geografías desconocidas*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires.

RODRIGUES, L. (2016). Os mapas jornalísticos sobre as unidades de política pacificadora como representação visual do favelismo. *Espaço E Cultura*, (39), 179–204.